

Zygmunt Zygmunt Bauman

# 44 CARTAS DO MUNDO LÍQUIDO MODERNO



ZAHAR

Zygmunt Bauman

**44 CARTAS DO MUNDO  
LÍQUIDO MODERNO**

*Tradução:*  
Vera Pereira



## • Sumário •

1. Sobre escrever cartas... de um mundo líquido moderno
2. Sozinhos no meio da multidão
3. Conversas de pais e filhos
4. On-line, off-line
5. Como fazem os pássaros
6. Sexo virtual
7. Estranhas aventuras da privacidade (1)
8. Estranhas aventuras da privacidade (2)
9. Estranhas aventuras da privacidade (3)
10. Pais e filhos
11. Os gastos dos adolescentes
12. No rastro da “geração Y”
13. O falso alvorecer da liberdade
14. O surgimento das meninas-mulheres
15. Agora é a vez dos cílios
16. A moda, ou o moto-contínuo
17. Consumismo é mais que consumo
18. O que aconteceu com a elite cultural?
19. Remédios e doenças
20. A “gripe suína” e outras causas de pânico
21. Saúde e desigualdade
22. Não digam que não foram avisados!
23. O mundo é inóspito à educação? (1)
24. O mundo é inóspito à educação? (2)
25. O mundo é inóspito à educação? (3)
26. Fantasmas de Ano-Novo: do que passou e dos que virão
27. Prever o imprevisível
28. Calcular o incalculável
29. As trajetórias tortuosas da fobia
30. *Interregnum*
31. De onde virá a força sobre-humana, e para quê?
32. Homens, é hora de voltar para casa?
33. Como escapar da crise?
34. Essa depressão tem fim?
35. Quem disse que temos de viver seguindo as regras?

36. O fenômeno Barack Obama
37. A cultura numa cidade globalizada
38. A voz do silêncio de Lorna
39. Estrangeiros são perigosos. Será?
40. Tribos e céus
41. Estabelecendo limites
42. Como pessoas boas se tornam más
43. Destino e caráter
44. Albert Camus, ou: *Eu* me revolto, logo, *nós* existimos

*Notas*

## Sobre escrever cartas... de um mundo líquido moderno

Cartas de um mundo líquido moderno... Foi isso que os editores de *La Repubblica delle Donne*<sup>a</sup> me pediram para escrever e enviar aos seus leitores a cada quinze dias. É o que venho fazendo há quase dois anos.<sup>b</sup>

Cartas que vêm do mundo “líquido moderno”, quer dizer, o mundo que eu, o autor das missivas, e vocês, possíveis, prováveis, esperados leitores, compartilhamos. O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição.

As circunstâncias que nos cercam – com as quais ganhamos nosso sustento e tentamos planejar o futuro, aquelas pelas quais nos ligamos a algumas pessoas e nos desligamos (ou somos desligados) de outras – também estão sempre mudando. Oportunidades de alegria e ameaças de novos sofrimentos fluem ou flutuam no ar, vêm, voltam e mudam de lugar; na maioria das vezes, fazem isso com tamanha rapidez e agilidade que não conseguimos tomar uma providência sensata e eficaz para direcioná-las ou redirecioná-las, para conservá-las ou interceptá-las.

Para resumir a história: esse mundo, nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado. Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos.

Felizmente? Bem, talvez nem tanto, pois o pesadelo da informação insuficiente que fez nossos pais sofrerem foi substituído pelo pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações que ameaça nos afogar, nos impede de nadar ou mergulhar (coisas diferentes de flutuar ou surfar). Como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens

significativas entre o alarido sem nexos? Na balbúrdia de opiniões e sugestões contraditórias, parece que nos falta uma máquina de debulhar para separar o joio do trigo na montanha de mentiras, ilusões, refugio e lixo.

Proponho-me fazer nessas cartas o que essa máquina hipotética (desgraçadamente ausente, e talvez por muito tempo) poderia realizar por nós se a tivéssemos à mão: pelo menos começar a separar as coisas que importam das matérias não substanciais – que parecem ser cada vez mais importantes –, dos alarmes falsos e dos fogos de palha. Mas como nosso mundo líquido moderno está em constante movimento, somos perpetuamente arrastados na viagem, por bem ou por mal, conscientemente ou não, alegres ou infelizes, mesmo que tentemos ficar parados, sem sair do lugar. Essas cartas, portanto, só podem ser “relatos de viagem” – embora seu autor não tenha arredado o pé de Leeds, a cidade onde mora. As histórias que elas irão contar serão “conferências de viagem”: histórias de e sobre viagens.

Walter Benjamin, filósofo com um olhar especialmente arguto para qualquer indício de lógica e sistemática nas trepidações culturais em aparência mais difusas e aleatórias, costumava distinguir dois tipos de narrativa: as histórias de marinheiro e as histórias de camponês. As primeiras são narrativas de ações bizarras e inauditas que se passam em lugares distantes, nunca visitados (provavelmente jamais o serão), de monstros e mutantes, bruxas, feiticeiros, cavaleiros galantes e cruéis malfeitores – seres que não combinam com as pessoas que ouvem o relato de tantas proezas; eles fazem coisas que outros (sobretudo os ouvintes enfeitizados pelas histórias do marinheiro) jamais imaginariam ver e menos ainda realizar.

As histórias de camponês, ao contrário, são narrativas de acontecimentos próximos, aparentemente familiares, como o eterno ciclo das estações do ano ou as tarefas cotidianas da casa, da terra e da lavoura. Eu disse *aparentemente* familiares porque também é ilusória a sensação de conhecermos esses acontecimentos muito bem e de confiarmos que nada de novo há a aprender com eles ou sobre eles – consequência de serem esses eventos próximos demais dos nossos olhos para podermos enxergá-los com nitidez. Nada escapa tanto e tão obstinadamente a nossa atenção quanto “as coisas que estão à mão”, o que está “sempre aí” e “não muda nunca”. É como se elas “se escondessem sob a claridade” – sob a luz enganosa e ilusória da familiaridade! Sua “normalidade” é uma espécie de cortina que impede qualquer inspeção.

Para tornar essas coisas objeto de interesse e de exame detalhado, é preciso, em primeiro lugar, recortá-las e separá-las do ciclo vicioso da rotina cotidiana que, apesar de confortadora, nos embota os sentidos. É preciso, em primeiro lugar, pô-las à parte e mantê-las a distância, antes que possamos conceber examiná-las de modo correto: quer dizer, sua alegada “normalidade”, um blefe, deve ser desde logo denunciada. Só depois poderemos desnudar e explorar os mistérios abundantes e profundos que elas escondem, aqueles que nos parecem estranhos e intrigantes quando começamos a pensar neles.

A distinção estabelecida por Benjamin quase um século atrás não é mais tão clara hoje quanto naquela época: os marinheiros não têm mais o monopólio de visitar terras estranhas. Num mundo globalizado, onde lugar algum está de fato isolado e a salvo do impacto de qualquer outro lugar do planeta, deve ser difícil até distinguir as histórias narradas por um camponês daquelas contadas por um marinheiro.

O que tentarei fazer em minhas cartas é escrever histórias de *marinheiros* como se fossem contadas por *camponeses*. Narrativas baseadas em vidas comuns e costumeiras como forma de revelar e expor o que elas têm de extraordinário e que nos passaria despercebido. Se quisermos

tornar verdadeiramente *familiares* coisas que parecem familiares, é preciso antes de mais nada fazê-las *estranhas*.

A missão é bem difícil. O sucesso não é garantido, e o êxito completo, para dizer o mínimo, é bastante duvidoso. Mas representa a missão que nós, autor e leitores dessas 44 cartas, tentaremos cumprir em nossa aventura conjunta.

Mas por que exatamente 44 cartas? Será que a escolha desse número tem um significado especial, ou é fruto do acaso, de uma decisão arbitrária, de uma escolha aleatória? Desconfio que a maioria dos leitores (provavelmente todos, à exceção dos poloneses) se fará essa pergunta. Devo a eles uma explicação.

O maior poeta romântico polonês, Adam Mickiewicz, evocou uma figura misteriosa, mistura ou híbrido de embaixador da liberdade, seu porta-voz e procurador legal, de um lado, e governador ou vice-regente na Terra, de outro. “O nome dele é Quarenta e Quatro”. Assim a criatura obscura foi apresentada por um dos personagens do poema de Mickiewicz no momento do anúncio/premonição de sua iminente chegada. Mas por que esse nome? Muitos historiadores da literatura, bem mais capacitados para encontrar uma resposta que eu, tentaram em vão solucionar o mistério. Alguns sugeriram que o nome escolhido corresponde à soma dos valores numéricos das letras do nome do poeta escrito em hebraico – possível alusão à elevada posição dele na luta pela libertação da Polônia e à origem judia de sua mãe. A interpretação em geral aceita é que Mickiewicz escolheu essa frase sonora e majestosa em polonês (*czterdziesci i cztery*) no auge da inspiração – mais motivado (ou talvez sem motivação alguma, como tende a ocorrer na maioria dos lampejos de inspiração) por uma preocupação com a harmonia poética do que pela intenção de transmitir uma mensagem cifrada.

As cartas reunidas neste livro foram redigidas ao longo de quase dois anos. Quantas delas deviam ser incluídas na obra? Quando e onde parar? O impulso para escrever cartas do mundo moderno líquido provavelmente nunca se esgotará – essa espécie de mundo que sempre saca da manga novas surpresas, que todo dia inventa novos desafios à compreensão humana, com certeza providenciará para que o ímpeto não cesse. Surpresas e desafios estão espalhados por todos os tipos de experiência humana – e por isso é inevitável que toda parada para relatá-los por escrito e além disso limitar seu escopo deve ser fruto de uma escolha arbitrária. Essas cartas não são exceções. Seu número foi escolhido arbitrariamente.

Mas por que este número, e não outro qualquer? Porque o número 44, graças a Adam Mickiewicz, representa o respeito e a esperança pela chegada da liberdade. Assim, ele assinala, ainda que de maneira oblíqua e somente para os iniciados, o motivo que inspira e orienta essas missivas. O espectro da liberdade está presente nas 44 cartas, cujos temas, todavia, são variados – mesmo que de maneira invisível, como é da natureza dos espectros dignos deste nome.

---

<sup>a</sup> Revista semanal dirigida ao público feminino, dedicada a temas relativos a política, economia e cultura contemporâneas. (N.T.)

<sup>b</sup> As cartas foram escritas em 2008 e 2009, e reunidas, editadas e ampliadas para este livro.

## Sozinhos no meio da multidão

O jornal *Chronicle of Higher Education* publicou recentemente em sua página da internet (<http://chronicle.com>) a história de uma adolescente que enviou três mil mensagens de texto num único mês. Isso significa que ela mandou uma média de cem mensagens por dia, ou cerca de uma mensagem a cada dez minutos do tempo em que esteve acordada – “manhã, tarde e noite, dias úteis e fins de semana, tempos de aula, horas de almoçar e fazer dever de casa, de escovar os dentes”. Assim, a adolescente nunca ficou sozinha por mais de dez minutos; nunca ficou só *consigo mesma*, com seus pensamentos, seus sonhos, seus medos e esperanças. A essa altura, ela deve ter se esquecido de como uma pessoa vive, pensa, faz coisas, ri ou chora na companhia de si mesma, sem a presença de outros. Melhor dizendo, ela nunca teve a oportunidade de aprender essa arte. O fato é que somente em sua incapacidade de praticar essa arte é que ela não está sozinha.

Os aparelhinhos de bolso que enviam e recebem mensagens não são os únicos instrumentos de que essas e outras jovens necessitam para sobreviver sem dominar a arte de estar consigo mesma. O professor Jonathan Zimmerman, da New York University, observou que três entre quatro adolescentes norte-americanos gastam todos os minutos de seu tempo útil em bate-papos no Facebook ou no MySpace. Eles são, por assim dizer, viciados em fazer e receber sons eletrônicos ou imagens, diz o professor. As páginas de bate-papo são novas drogas poderosas em que os adolescentes se viciaram. O leitor sem dúvida já ouviu falar nas crises de abstinência que acometem as pessoas, jovens ou não, viciadas em outros tipos de drogas, e por isso talvez seja capaz de mentalizar a angústia desses adolescentes quando um vírus (os pais, os professores) lhes bloqueia o acesso à internet ou desliga seus celulares.

Nesse nosso mundo sempre desconhecido, imprevisível, que constantemente nos surpreende, a perspectiva de ficar sozinho pode ser tenebrosa; é possível citar muitas razões para conceber a solidão como uma situação extremamente incômoda, ameaçadora e aterrorizante. É tolice, além de injusto, culpar apenas a eletrônica pelo que está acontecendo com as pessoas que nascem num mundo interligado por conexões a cabo, com fio ou sem fio. Os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram; o máximo que fizeram foi torná-la mais aguda e evidente, por colocarem ao alcance de todos, e de modo sedutor, os meios de satisfazê-la sem exigir qualquer esforço maior que apertar algumas teclas.

Os inventores e vendedores de walkmans, os primeiros aparelhos portáteis que nos permitiram “ouvir o mundo” onde quer que estivéssemos e sempre que desejássemos, prometiam aos clientes: “Você nunca mais estará só!” É óbvio que eles sabiam do que estavam falando e por que essa mensagem publicitária incentivaria a venda de aparelhos – o que de fato aconteceu, aos milhões.



Sabiam que havia milhares de pessoas nas ruas que se sentiam solitárias e odiavam essa solidão dolorosa e abominável; pessoas que não só estavam privadas de companhia, mas que sofriam com essa privação. Em lares cada vez mais vazios durante o dia, onde o coração e a mesa de jantar da família foram substituídos por aparelhos de TV presentes em todos os cômodos – “cada indivíduo preso em seu próprio casulo” –, um número sempre decrescente de pessoas podia contar com o calor revigorante e alentador da companhia humana; sem companhia, elas não sabiam como preencher as horas e os dias.

A dependência do ruído ininterrupto que vem do walkman aprofundou o vazio deixado pela companhia perdida. Quanto mais as pessoas permaneciam submersas no vazio, menos eram capazes de fazer uso dos meios disponíveis antes da era do high-tech, isto é, seus músculos e sua imaginação, para pular fora do vácuo. O advento da internet permitiu esquecer ou encobrir o vazio, e, portanto, reduzir seu efeito deletério; pelo menos a dor podia ser aliviada. Contudo, a companhia que tantas vezes faltava e cuja ausência era cada vez mais sentida parecia retornar nas telas eletrônicas, substituindo as portas de madeira, numa reencarnação analógica ou digital, embora sempre virtual: pessoas que tentavam escapar dos tormentos da solidão descobriram nessa nova forma um importante avanço com referência à versão cara a cara, face a face, que deixara de existir. Esquecidas ou jamais aprendidas as habilidades da interação face a face, tudo ou quase tudo que se poderia lamentar como insuficiências da conexão virtual on-line foi saudado como vantajoso. O que o Facebook, o MySpace e similares ofereciam foi recebido alegremente como o melhor dos mundos. Pelo menos foi o que pareceu àqueles que ansiavam desesperadamente por companhia humana, mas se sentiam pouco à vontade, sem jeito e infelizes quando cercados de gente.

Para começo de conversa, nunca mais precisaremos estar sós. O dia inteiro, sete dias por semana, basta apertar um botão para fazer aparecer uma companhia do meio de uma coleção de solitários. Nesse mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado – e mesmo que alguém, por acaso, esteja dormindo, há muitos outros a quem enviar mensagens, ou a quem alcançar de imediato pelo Twitter, para que a ausência temporária nem seja notada. Em segundo lugar, é possível fazer “contato” com outras pessoas sem necessariamente iniciar uma conversa perigosa e indesejável. O “contato” pode ser desfeito ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, sem necessidade de achar motivos, de pedir desculpas ou mentir; basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de riscos.

Também não há necessidade de sentir medo de estar sozinho, da ameaça de expor-se à exigência de outros, a um pedido de sacrifício ou de comprometimento, de ter de fazer alguma coisa que você não quer só porque outros querem que você faça. Essa certeza tranquilizadora pode ser mantida e usufruída mesmo quando você está sentado numa sala apinhada de gente, nos corredores de um centro comercial lotado, ou passeando na rua, no meio de um grande grupo de amigos ou de transeuntes; você sempre pode “se ausentar espiritualmente” e “ficar só”, ou pode comunicar aos que o rodeiam que deseja ficar fora de contato. Você pode escapar da multidão mantendo os dedos ocupados para digitar uma mensagem a ser enviada a alguém que está fisicamente ausente; por isso, nesse momento, não lhe são feitas exigências, nada lhe ocupa a atenção, a não ser o “contato”, ou passar os olhos numa mensagem que acabaram de lhe enviar.

Com esses aparelhinhos na mão, você pode inclusive se afastar de uma situação de pânico, se quiser, instantaneamente – no momento exato em que a companhia se acerca demais de você e parece opressiva para seu gosto. Você não tem de jurar fidelidade até que a morte os separe; por outro lado, pode esperar que todo mundo esteja “acessível” quando você precisar, sem ter de suportar as

consequências desagradáveis de estar sempre disponível para os outros.

Isso será o paraíso na Terra? Nosso sonho enfim realizado? Será esta a solução definitiva para a pungente ambivalência da interação humana, a um só tempo confortadora e estimulante, mas incômoda e cheia de ciladas? As opiniões se dividem a esse respeito. O que parece estar fora de dúvida é que pagamos um preço por tudo isso – um preço que pode se revelar alto demais. Se você está sempre “conectado”, pode ser que nunca esteja verdadeira e completamente só. Se você nunca está só, então (para citar o professor Zimmerman mais uma vez) “tem menos chance de ler um livro por prazer, de desenhar um retrato, de contemplar a paisagem pela janela e imaginar outros mundos diferentes do seu. É menos provável que você estabeleça comunicação com pessoas reais em seu meio imediato. Quem vai querer conversar com parentes quando os amigos estão a um clique do teclado?” (E esses amigos são incontáveis, de uma diversidade fascinante; há cerca de quinhentos ou mais “amigos” no Facebook.)

Fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e, assim, dar sentido e substância à comunicação. Mas quem nunca saboreou o gosto da *solitude* talvez nunca venha a saber o que deixou escapar, jogou fora e perdeu.

## Conversas de pais e filhos

Falando sobre as origens de um dos seus mais belos contos, “A busca de Averróis”, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges declarou que sua intenção era “narrar o processo do fracasso”, “da derrota” – como o teólogo à procura de uma prova final e irrefutável da existência de Deus; o alquimista em busca da pedra filosofal; o entusiasta da tecnologia à cata do moto-perpétuo; ou o matemático tentando descobrir a fórmula da quadratura do círculo. Mas depois Borges decidiu que “um caso mais poético” seria “o de um homem que estabelece para si um objetivo que não é proibido para os outros, mas só para ele”. Tomou então o caso de Averróis, o grande filósofo muçulmano que decidiu traduzir a *Poética* de Aristóteles, mas, “por estar encerrado no âmbito do islã, nunca pôde saber o significado das palavras *tragédia* e *comédia*”. O fato é que, “sem nunca ter suspeitado o que é teatro”, Averróis estava inescapavelmente fadado ao fracasso quando tentou “imaginar o que é uma peça de teatro”.

Como tema para uma história maravilhosa contada por um grande escritor, o caso escolhido por Borges se revela “mais poético”. Mas, se o examinarmos pela ótica menos inspirada, mundana e um pouco tediosa da sociologia, o caso parecerá bem mais *prosaico*. Somente algumas almas intrépidas tentam construir um moto-perpétuo ou descobrir a pedra filosofal; mas buscar em vão compreender o que outros não têm dificuldade alguma para entender é uma experiência que todos nós conhecemos pessoalmente e que reaprendemos a cada dia – nós muito mais, hoje, em pleno século XXI, do que nossos ancestrais. Basta pensar num exemplo: a comunicação com nossos filhos, se os temos, ou com nossos pais, se ainda estiverem vivos.

Há uma longa história de incompreensão recíproca entre gerações, entre os “velhos” e os “jovens”, e de conseqüente desconfiança mútua. Sintomas desse descompasso já foram percebidos em épocas bastante remotas. Mas a desconfiança entre gerações tornou-se muito mais visível em nossa *era moderna*, marcada por profundas, contínuas e aceleradas mudanças nas condições de vida. A aceleração do ritmo das mudanças, característica dos tempos modernos e em contraste com os séculos anteriores de interminável reiteração e letárgica mudança, permitiu que as pessoas observassem e tivessem a experiência pessoal de que “as coisas mudam”, que “já não são como costumavam ser”, no decorrer de uma única existência humana. Essa percepção trouxe como conseqüência o estabelecimento de uma associação (ou mesmo um laço causal) entre as mudanças na condição humana, o afastamento das velhas gerações e a chegada dos mais novos.

Estabelecida essa implicação, tornou-se visível e até evidente que (pelo menos desde o início da modernidade e por toda sua duração) as classes de idade que chegavam ao mundo em diferentes etapas do processo de contínua transformação apresentavam uma tendência a *diferir* profundamente

no modo de avaliar as condições de vida que *compartilhavam*. As crianças em geral nascem num mundo muito diferente daquele da infância de seus pais, e que estes aprenderam e se acostumaram a ver como padrão de “normalidade”; os filhos jamais poderão visitar esse mundo que deixou de existir com a juventude dos pais.

O que certas “classes de idade” encaram como “natural” – “o modo pelo qual as coisas *são*”, “o modo como *as coisas são normalmente feitas*” e, portanto, como “*elas devem ser feitas*” – pode ser visto por outros como uma aberração, um estranho desvio da norma, talvez uma situação ilegítima e insensata – injusta, abominável, desprezível ou absurda, que exige completa revisão. O que para certas classes de idade parece uma situação agradável, que permite o uso de rotinas e habilidades aprendidas e dominadas à perfeição, pode ser esquisito e chocante para outras; pessoas de idades diferentes podem se sentir à vontade em situações que trazem desconforto para outras, que se veem confusas e desorientadas.

As diferenças de percepção já assumiram tantas facetas que, ao contrário do que se passava nos tempos pré-modernos, os jovens não são mais vistos pelas velhas gerações como “adultos em miniatura” ou “miniadultos”, como “seres ainda não plenamente maduros, mas fadados a amadurecer” (entendendo-se por “maduro” ser “igual a nós”). Hoje, não se espera nem se pressupõe que os jovens “estão em vias de se tornar adultos *como nós*”; a tendência é vê-los como um *tipo diferente*, que permanecerá diferentes “de nós” por toda vida. As discrepâncias entre “nós” (os mais velhos) e “eles” (os mais novos) não nos parecem mais corresponder a uma fase passageira e irritante, que tenderá fatalmente a se dissipar e a desaparecer à medida que eles amadureçam para as realidades da vida. Os jovens sem dúvida vão permanecer; eles são irrevogáveis.

A consequência disso é que jovens e velhos tendem a se perceber mutuamente com um misto de incompreensão e mal-entendido. Os mais velhos temem que os recém-chegados ao mundo acabem estragando e destruindo a “normalidade” que conhecem e lhes parece confortável e decente, mas que custaram tanto a construir e preservar com carinho; os mais jovens, ao contrário, têm uma enorme urgência de consertar o que os mais velhos estragaram. Nenhum dos grupos se sentirá satisfeito (pelo menos não completamente) com o atual estado de coisas e com o rumo que seus mundos parecem seguir – e culpa o outro por sua insatisfação.

Em dois números consecutivos de um respeitado semanário inglês, duas avaliações radicalmente distintas foram feitas: um colunista acusou “os jovens” de serem “inúteis, chatos, frouxos, focos de clamídia”; ao que um irado leitor respondeu que os jovens supostamente preguiçosos e negligentes tinham “alto desempenho acadêmico” e na verdade “estavam preocupados com a confusão que os adultos criaram”.<sup>1</sup> Como em outras incontáveis divergências, trata-se de uma diferença de *avaliação* e de *pontos de vista* subjetivos. Nesse tipo de situação, a controvérsia dificilmente pode ser resolvida de modo “objetivo”.

Convém não esquecer ainda que grande parte da geração jovem de hoje jamais passou por dificuldades de vida efetivas, como uma longa depressão econômica e o desemprego em massa. Essa juventude nasceu e cresceu num mundo no qual podia obter apoio de serviços comunitários socialmente produzidos, um guarda-chuva à prova de água e de vento que lhes parecia sempre ao alcance da mão, para protegê-los contra as inclemências do tempo, o frio das chuvas e os ventos gelados; um mundo em que cada nova manhã parecia prometer um dia mais ensolarado que o anterior e mais regado de agradáveis aventuras.

Contudo, enquanto escrevo estas palavras, nuvens escuras vêm se acumulando sobre esse mundo, nuvens cada dia mais sombrias. O estado de felicidade, otimismo e confiança que o jovem

pensava ser o estado “natural” do mundo pode não durar muito tempo. O sedimento da última depressão econômica – o prolongado desemprego que diminui as oportunidades de vida das pessoas e obscurece suas perspectivas de futuro – pode se recusar a desaparecer depressa, se é que um dia desaparecerá; e não há mais tanta certeza quanto a um retorno rápido aos dias ensolarados.

Assim, ainda é muito cedo para determinar se as atitudes e visões de mundo que impregnam os jovens de hoje acabarão se ajustando ao mundo que está por vir, nem como esse mundo se ajustará às suas expectativas mais profundas.

## On-line, off-line

Ann-Sophie, vinte anos, estudante da Copenhagen Business School, respondeu da seguinte maneira as perguntas formuladas por Flemming Wisler: “Não quero que minha vida me controle demais. ... O mais importante é se sentir à vontade. ... Ninguém quer ficar parado no mesmo emprego por muito tempo.”<sup>1</sup> Em outras palavras: mantenha abertas suas opções. Não jure fidelidade do tipo “até que a morte nos separe” a qualquer coisa ou a qualquer pessoa. O mundo está cheio de oportunidades maravilhosas, sedutoras e promissoras; é loucura perder qualquer delas tentando se amarrar de pés e mãos a compromissos irrevogáveis.

Não admira que o surfe ocupe um dos primeiros lugares de uma lista de habilidades básicas que motivam um jovem a procurar aprender, que ele anseia por dominar acima e além do desejo ultrapassado de “sondar” e “penetrar” o sentido das coisas. Mas, como observou Katie Baldo, orientadora pedagógica da Cooperstown Middle School, do Estado de Nova York, “os adolescentes perdem importantes dicas sociais porque estão fixados em seus Ipods, telefones celulares e videogames. Vejo isso o tempo todo nos corredores do colégio, quando eles não conseguem dizer ‘oi’ nem fazer contato com os olhos”.<sup>2</sup>

Fazer contato com o olhar, reconhecendo a proximidade física de outro ser humano, parece perda de tempo: sinaliza a necessidade de gastar uma parcela do tempo precioso, mas horrivelmente escasso, em mergulhos profundos (coisa que a exploração de profundidades certamente exigiria); uma decisão que poderia interromper ou impedir o surfe por tantas outras superfícies não menos – e talvez muito mais – convidativas.

Numa vida de contínuas emergências, as relações *virtuais* derrotam facilmente a “vida *real*”. Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento provenham do mundo off-line, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breves, superficiais e sobretudo descartáveis. As relações virtuais contam com teclas de “excluir” e “remover spams” que protegem contra as consequências inconvenientes (e principalmente consumidoras de tempo) da interação mais profunda.

Não posso deixar de recordar aqui Chance, o personagem interpretado por Peter Sellers no filme *Muito além do jardim* (1979), de Hal Hashby: recém-chegado a uma cidade movimentada, depois de passar a vida inteira num tête-à-tête exclusivo com “o mundo mostrado pela televisão”, Chance tenta em vão apagar um irritante e desagradável grupo de freiras de seu campo visual com a ajuda do controle remoto.

Para um jovem, o principal atrativo do mundo virtual é a ausência de contradições e objetivos conflitantes que rondam a vida off-line. O mundo on-line, por outro lado, cria uma multiplicação

infinita de possibilidades de contatos plausíveis e factíveis. Ele faz isso reduzindo a duração desses contatos e, por conseguinte, *enfraquecendo* os laços, muitas vezes impondo o tempo – em flagrante oposição à sua contrapartida off-line, que, como é sabido, se apoia no esforço continuado de *fortalecer* os vínculos, limitando severamente o número de contatos à medida que eles se ampliam e se aprofundam. Essa é uma grande vantagem para homens e mulheres que se atormentam com a ideia de que o passo que deram talvez seja equivocada (apenas talvez), e que talvez (apenas talvez) fosse tarde demais para minimizar as perdas. Daí se sentirem mal com tudo que evoque um compromisso “de longo prazo” – seja planejar a vida, seja envolver-se com outros seres vivos.

Fazendo um apelo óbvio aos valores da nova geração, um recente comercial anunciou a chegada ao mercado de uma nova marca de rímel, que “promete manter os cílios impecáveis por 24 horas”, usando o seguinte argumento: “Falamos de uma relação séria. Uma só aplicação, e seus belos cílios resistirão a chuva, suor, umidade, lágrimas. E é facilmente removível – basta água morna.” A duração de 24 horas já parece uma “relação séria”, mas até um compromisso tão rápido se tornaria menos sedutor se suas consequências não fossem tão fáceis de remover.

Seja qual for a escolha, ela nos fará recordar o “manto leve” de Max Weber, um dos fundadores da sociologia moderna; ele podia ser removido dos ombros à vontade, num instante, sem muitos problemas – ao contrário da “rígida crosta de aço”, que proporcionava uma proteção eficaz e duradoura contra as turbulências, mas era difícil de se despir, além de tolher os movimentos da pessoa que protegia e restringir o espaço para o exercício de seu livre-arbítrio.

O que mais importa para os jovens é preservar a capacidade de *remodelar* a “identidade” e a “rede” no momento em que surge uma necessidade (ou, na verdade, um capricho) de refazê-las, ou quando se suspeita que essa necessidade já tenha surgido. A preocupação dos antepassados com a própria *identificação*, exclusiva e única, tende a ser deslocada pela preocupação com uma *reidentificação* perpétua. As identidades devem ser *descartáveis*; uma identidade insatisfatória, ou não suficientemente satisfatória, ou uma identidade que denuncia a idade avançada, deve ser *facilmente abandonável*; a biodegradabilidade talvez seja o atributo ideal da identidade mais desejável nos nossos dias.

As capacidades interativas da internet são feitas sob medida para essa nova necessidade. Em sua versão eletrônica, é a *quantidade* de conexões, e não sua *qualidade*, que faz toda a diferença para as chances de sucesso ou de fracasso. É isso que possibilita manter-se *au courant* do que “todo mundo está falando” e das escolhas indispensáveis do momento: as músicas mais ouvidas, as camisetas da moda, as últimas aventuras das celebridades, as festas mais badaladas, os festivais e eventos mais comentados.

Ao mesmo tempo, estar em dia com tudo isso ajuda a atualizar os conteúdos e a redistribuir as ênfases na imagem da pessoa; ajuda ainda a apagar depressa os vestígios do passado, isto é, os conteúdos e as ênfases que agora estão vergonhosamente fora de moda. Tudo somado, a internet facilita demais, incentiva e inclusive impõe o exercício incessante da *reinvenção* – numa extensão inalcançável na vida off-line. Esta é, sem dúvida, uma das mais importantes explicações para o tempo que a “geração eletrônica” gasta no universo virtual: o tempo gradual e crescentemente utilizado no mundo virtual em detrimento do tempo passado no mundo “real” (off-line).

Os referentes dos principais conceitos que emolduram e mapeiam o *Lebenswelt*, o mundo do dia a dia, o mundo do qual o jovem tem *experiência pessoal*, estão sendo gradual e continuamente transplantados do espaço off-line para o espaço on-line. Entre os mais importantes desses conceitos estão os de “contato”, “encontro”, “reunião”, “comunicado”, “comunidade” ou “amizade” – todos

referidos a relações interpessoais e a laços sociais.

Um dos principais efeitos da nova localização dos referentes é a percepção dos laços e compromissos sociais vigentes como fotos instantâneas do processo de renegociação, e não de situações estáveis de duração indefinita. (Diga-se desde logo que “foto instantânea” não é uma metáfora muito feliz, porque ela ainda mantém implícita a ideia de uma durabilidade superior à dos laços e compromissos mediados via eletrônica. A expressão “foto instantânea” pertence ao vocabulário do papel fotográfico e das fotografias reveladas e impressas, que só aceitam uma imagem por toda a vida; ao passo que, no caso dos laços criados por via eletrônica, apagar, reescrever e escrever por cima, inconcebíveis nos negativos de filmes e nos papéis fotográficos, são as opções mais importantes e mais recorrentes; na verdade, são o único atributo indelével das relações mediadas pela eletrônica.)



## Como fazem os pássaros

“Twitter” (gorjear) é o que os pássaros fazem quando *tweet* (gorjeiam). Como nos dizem os especialistas em pássaros, o canto melodioso desempenha duas funções em aparência opostas, mas igualmente essenciais, na vida das aves: permite manter contato uns com os outros (isto é, não deixa que fiquem perdidos ou percam a pista dos parceiros no ninho ou do restante do grupo) e evita que outros pássaros, sobretudo os da mesma espécie, invadam o território que reservaram para eles. O gorjeio dos pássaros não transmite nenhuma outra mensagem, de modo que seus “conteúdos” (mesmo que houvesse algum, o que não é o caso) são irrelevantes; o que conta é que se produz o som melodioso e que ele seja (muito provavelmente *será*) ouvido.

Não sei dizer se Jack Dorsey, que criou o website chamado Twitter em 2006, quando ainda era estudante universitário, inspirou-se ou não no hábito milenar dos pássaros. Mas os 55 milhões de visitantes mensais desse site da internet parecem ter seguido esse hábito – sabedores disso ou não. Ao que parece, eles o consideram muito útil para suas necessidades e objetivos. Segundo cálculos de Peder Zane, do *News and Observer*, em 15 de março de 2009, o número de usuários do Twitter cresceu 900% entre 2008 e 2009 (enquanto o número de usuários do Facebook cresceu “apenas” 228%, de acordo com a Wikipedia). Os administradores do Twitter convidam e encorajam novos usuários a se juntarem ao poderoso exército de 55 milhões de usuários atuais afirmando que o “Twitter é um serviço ideal para a comunicação e conexão entre amigos, parentes e colegas de trabalho pela troca rápida de respostas a uma única pergunta: ‘O que você está fazendo?’” As respostas, como o leitor provavelmente sabe, devem ser rápidas e frequentes, mas também fáceis de digerir, e isso significa que devem ser muito, muito concisas e curtas (tal como a melodia do gorjeio de um pássaro) – nunca podem exceder os 140 caracteres.

Desse modo, o “fazer” sobre o qual se escrevem mensagens no Twitter talvez não signifique mais que dizer “estou comendo pizza aos quatro queijos”, ou “estou olhando pela janela”, ou “com sono e indo pra cama”, ou “morto de tédio”. Por cortesia da administração do Twitter, nossa notória mas envergonhada reticência e falta de jeito para relatar os motivos e objetivos de nossos atos – e os sentimentos que os acompanham – deixaram de ser uma desvantagem e subiram ao pódio das virtudes. O que nós e todos os nossos iguais somos levados a compreender é que a única coisa que importa é saber e contar aos demais o que estamos fazendo – neste momento ou em qualquer outro; o que importa é “ser visto”. Não tem importância alguma saber por que fazemos tal coisa, o que estamos pensando, desejando, sonhando, o que nos alegra ou entristece quando a fazemos, ou mesmo outras razões que nos inspiraram a usar o Twitter, além de manifestar nossa presença.

O contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores; as *superfícies* é que

entram em contato. Por gentileza do Twitter, “surfar”, o meio de locomoção preferido em nossa vida agitada, cheia de oportunidades que nascem e logo se extinguem, afinal chegou à comunicação inter-humana. O que se perde é a intimidade, a profundidade e durabilidade da relação e dos laços humanos.

Os defensores e entusiastas dos “contatos” (mais exatamente, a reconfirmação de “estar conectado”) rápidos, fáceis e sem problemas tentam nos convencer de que os ganhos compensam em muito as perdas. Sob o título de “usos” do Twitter, o site da Wikipédia nos informa que, “durante os ataques de Mumbai, em 2008, testemunhas oculares enviaram cerca de oitenta mensagens por segundo relatando a tragédia. Os usuários que estavam no local ajudaram a compilar uma lista de mortos e feridos”; que, em “janeiro de 2009, o voo 1549 da companhia aérea US Airways sofreu múltiplos ataques de aves e teve de aterrissar em pleno rio Hudson após a decolagem do aeroporto de La Guardia, em Nova York. Janis Krums, passageiro de um dos barcos que prestou socorro, tirou uma foto do avião dentro do rio enquanto os passageiros ainda eram retirados da aeronave e enviou-a por Twitter antes que a mídia tradicional chegasse ao lugar”; ou que, “em fevereiro de 2009, a Country Fire Authority australiana usou o Twitter para divulgar alertas regulares e atualizações a respeito dos *incêndios florestais de 2009 na região de Victoria*”.

Mas noticiar esses casos é como tentar convencer futuros apostadores dos benefícios universais a comprar bilhetes de loteria publicando de tempos em tempos a sorte grande dos poucos vencedores – enquanto evitam mencionar os milhões de frustrados perdedores.

Sejamos realistas: os impactos das novas tecnologias de comunicação são como os feitos da economia liderada pelos bancos, em que os ganhos tendem a ser privatizados, e as perdas socializadas. Em ambos os casos, “os danos colaterais” tendem a ser desproporcionalmente maiores, mais profundos e insidiosos que os eventuais e raros benefícios.

Existe, no entanto, um benefício de outro tipo, muito mais generalizado, que parece ser o principal atrativo do Twitter. Já há algum tempo, a famosa “prova da existência” de Descartes, “Penso, logo existo”, tem sido substituída e rejeitada por uma versão atualizada para nossa era da comunicação de massas: “Sou visto, logo existo.” Quanto mais pessoas podem escolher me ver, mais convincente é a prova de que estou aqui.

O padrão é estabelecido pelas celebridades. Não se mede o peso e a importância da existência dos “famosos” pela relevância do que eles *fizeram*, isto é, pelo peso de seus *feitos* (de qualquer modo, não dá para avaliar corretamente essas qualidades e confiar o bastante nos resultados para sustentar uma opinião). Sem dúvida as “celebridades” só têm importância pela visibilidade de sua presença: elas têm de ser olhadas e vistas por uma multiplicidade de pessoas, nas bancas de jornais, nas primeiras páginas dos tabloides, nas capas de revistas de amenidades, nas telas dos aparelhos de televisão. Se muita gente as olha, vigia cada passo que dão, se muitos dão ouvidos às fofocas a respeito de suas últimas aventuras, maldades e travessuras, se muita gente fala delas, então deve haver “algo nelas” – afinal, tantos não poderiam estar tão errados ao mesmo tempo!

Daniel Boorstin sintetizou tudo isso de maneira admirável: “A celebridade é uma pessoa famosa por ser famosa.” Conclusão (não necessariamente verdadeira, mas de todo modo crível): quanto maior é a frequência das minhas mensagens, quanto mais pessoas visitam meu Twitter, mais chances terei de ingressar nas fileiras dos famosos. Tal como as celebridades, o assunto das mensagens é completamente irrelevante. Afinal, o que lemos e ouvimos sobre as celebridades, no mais das vezes, trata do que elas comeram no café da manhã, de seus casos amorosos e incursões nos shoppings. Como o peso da presença de uma pessoa no mundo é medido por sua “fama”, minhas mensagens

lançadas ao mundo também são um meio de incrementar minha importância espiritual (uma espécie de dieta às avessas – considerando que fazer dieta é um método de diminuir nosso peso corporal).

Pelo menos é o que parece. Tudo isso pode não passar de ilusão. Mas, para muitos de nossos contemporâneos, é uma ilusão bem-vinda. Bem-vinda para aqueles treinados e educados para crer que só *conta* ser *visto*, mas que não tiveram acesso às revistas de amenidades e aos jornais sensacionalistas, as verdadeiras fontes do poder de dividir as pessoas entre os “que são vistos” e os invisíveis, e de mantê-los do lado “visualizável” da divisão.

O Twitter é, para nós, pessoas *comuns*, o que as capas de revistas semanais e mensais representam para os poucos que são proclamados *extraordinários*. Nosso Twitter é uma espécie de réplica das butikues de alta-costura no comércio popular: o substituto da igualdade para os destituídos. Aos que estão condenados a comprar nas lojas populares, o Twitter atenua as crises da humilhação causada pela falta de acesso às lojas exclusivas.

## Sexo virtual

Emily Dubberley, autora de *Brief Encounters: The Women's Guide to Casual Sex*, escreveu que, em nossos dias, obter sexo “é como encomendar uma pizza. ... Agora você pode conectar-se à internet e encomendar genitália”. Não há mais necessidade de flertar ou fazer a corte, não é preciso empenhar todas as energias para obter a aprovação do parceiro(a), nem mover mundos e fundos para merecer e conquistar o consentimento do outro; é dispensável insinuar-se aos olhos dela ou dele e esperar um longo tempo, quiçá uma eternidade, para que todos esses esforços deem resultados.

Isso significa, porém, que acabaram todas aquelas coisas que costumavam fazer do encontro sexual um acontecimento tão estimulante, embora incerto, uma busca de aventura romântica, arriscada e cheia de armadilhas. Não há ganhos sem perdas. O sexo pela internet, entusiasticamente recebido por tanta gente, não é exceção a essa regra melancólica. Alguma coisa se perdeu – se bem que é comum ouvir muitos homens e quase igual número de mulheres dizerem que os ganhos valeram o sacrifício. Os ganhos são: *conveniência* – redução do esforço a um mínimo; *velocidade* – encurtamento da distância entre o desejo e sua satisfação; e *garantia contra as consequências* – que, como é próprio das consequências, nem sempre seguem o roteiro estabelecido e desejado. Consequências raramente são antecipadas, cobiçadas e bem-recebidas. Elas tanto podem se revelar desagradáveis e problemáticas quanto alegres e auspiciosamente agradáveis.

A publicidade de um website que vende sexo rápido e seguro (“sexo sem compromisso”), e se vangloria de ter 2,5 milhões de assinantes, diz o seguinte: “Encontre parceiros sexuais de verdade *esta noite mesmo*” (grifos meus). Outro site, que conta com milhões de associados espalhados pelo mundo afora, especializado em satisfazer o espírito aventureiro de parte do público gay, escolheu um slogan diferente: “O que você quiser, *quando* quiser” (grifo meu).

Os dois slogans mal conseguem esconder a mesma mensagem: os produtos ambicionados estão prontos para o consumo instantâneo, imediato; o desejo e sua satisfação fazem parte do mesmo pacote; você é que manda, mensagem que soa doce e apaziguadora a ouvidos treinados por milhões de comerciais (cada um de nós é obrigado/manipulado a assistir a mais comerciais por ano que nossos avós durante a vida inteira). Hoje, ao contrário do que ocorria no tempo de nossos avós, esses anúncios prometem prazeres sexuais tão instantâneos quanto café ou sopa em pó (“basta adicionar água quente”). Eles degradam, condenam e ridicularizam os prazeres espacial ou temporalmente remotos, que só podem ser obtidos com paciência, abnegação e muita boa-vontade, longo e árduo aprendizado, esforços desajeitados, complicados e às vezes extremamente difíceis – e que fazem pressentir tantos erros quanto as tentativas necessárias.

Algumas décadas atrás, esse tipo de “complexo de impaciência” foi sintetizado na famosa

reclamação de Margareth Thatcher contra o Sistema Nacional de Saúde britânico e as razões que apontou para explicar por que era melhor deixar ao mercado a prestação de serviços médicos: “Quero um médico de minha escolha no momento que eu quiser.” Pouco tempo depois, inventaram-se os meios – varinhas mágicas no formato de cartão de crédito; mesmo que não realizasse integralmente o sonho da sra. Thatcher, o cartão pelo menos contribuiu para torná-lo plausível e crível. Esses instrumentos puseram a filosofia consumista ao alcance de um número crescente de indivíduos que bancos e financeiras consideravam merecedores de atenção e benevolência.

A sabedoria popular antiga e atemporal adverte-nos que “não se deve contar com os ovos antes de serem postos”. Acontece que agora os ovos da nova estratégia do prazer instantâneo já foram postos em profusão, toda uma geração deles, e temos todo o direito de começar a contar com eles. O psicoterapeuta Phillip Hodson já os contou, e suas conclusões mostram o resultado da fase eletrônica virtual da revolução sexual em curso como uma faca de dois gumes.

Hodson identificou o paradoxo do que qualifica como “cultura da gratificação instantânea, descartável” (que ainda não é universal, mas está em rápida expansão): pessoas que, numa só noite, podem namorar (eletronicamente) mais gente que seus pais – para não falar nos pais deles – teriam encontrado durante toda a vida, mais cedo ou mais tarde descobriam que, como acontece com todos os vícios, a satisfação obtida diminui a cada nova dose da droga. Tivessem elas a possibilidade de examinar com atenção o que suas experiências propiciam, descobririam, para sua surpresa e frustração (embora tarde demais), que o romantismo, o lento e complicado processo de sedução que hoje só lhes é dado ler nos velhos livros, não significava *obstáculos* desnecessários, redundantes, cansativos e irritantes a bloquear o caminho para a “coisa em si” (como os fizeram crer); estes são *ingredientes* importantes e até cruciais da própria “coisa”, aliás, de *todas* as coisas eróticas e “sensuais”, partes de seu charme e atrativo.

Em suma, ganhou-se em *quantidade* o que se perdeu em *qualidade*. O “novo sexo melhorado” via internet na verdade não é a “coisa” que fascinara e encantara nossos ancestrais e os inspirara a escrever inúmeros volumes de poesia para louvar sua glória e esplendor, para confundir o êxtase conjugal com o céu. Hodson, a exemplo de muitos outros pesquisadores, também descobriu que, mais que ajudar a criar vínculos e diminuir a tragédia dos sonhos não realizados, o sexo pela internet ajuda a enfraquecer e tornar mais superficiais as relações laboriosamente construídas na vida real off-line; por isso mesmo, é menos satisfatório e cobiçado, menos “valioso” e valorizado.

Georg Simmel observou muito tempo atrás que a medida do valor das coisas é o sacrifício necessário para obtê-las. Um número maior de pessoas pode “fazer sexo” com maior frequência. Porém, paralelamente a isso, cresce o número dos que vivem sozinhos, se sentem solitários e sofrem de agudos sentimentos de abandono. Essas pessoas que buscam com desespero fugir à dor desses sentimentos são assediadas pelas promessas de mais “sexo on-line”. E acabam compreendendo que, em vez de lhes saciar a fome de companhia humana, o sexo proporcionado pela internet só aumenta a sensação de perda e o sentimento de humilhação, solidão e privação da experiência do calor humano.

Cabe lembrar outra questão que vem à tona quando se avalia o saldo de perdas e ganhos. Os sites de relacionamento pela internet (e mais, os sites que oferecem sexo instantâneo) tendem a apresentar parceiros para transas de uma só noite em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcas selecionadas – altura, tipo de corpo, origem étnica, pelos corporais etc. (os critérios variam de acordo com o público-alvo e com o que se considera “relevante”). Desse modo, os clientes podem ajustar o(a) parceiro(a) escolhido(a) a partir de pedaços ou partes que parecem determinar a qualidade do “conjunto” e os prazeres sexuais desejados. Nesse processo, de algum modo, o “ser humano” se desintegra e desaparece: não se vê

mais a floresta para além das árvores.

Escolher seu parceiro sexual num catálogo de traços peculiares e usos desejáveis, como se faz com mercadorias selecionadas em catálogos on-line de empresas comerciais, perpetua o mito que o ato origina; e insinua por si mesmo que cada um de nós, seres humanos, somos menos pessoas ou personalidades cujas qualidades não repetíveis estão todas contidas em nossa singularidade ou peculiaridade, mas uma coleção desordenada de atributos vendáveis ou difíceis de vender.

## Estranhas aventuras da privacidade (1)

Alain Ehrenberg, sociólogo francês e estudioso singularmente perspicaz da conturbada trajetória do indivíduo na modernidade, tentou situar a data de nascimento da revolução cultural moderna (ou pelo menos de seu ramo francês) que nos introduziu na era que ainda vivemos. Ele procurou identificar uma revolução cultural equivalente ao tiro desferido por Gavrilo Princip no arquiduque Francisco Ferdinando da Áustria, que também atingiu sua esposa, em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, dando início à Primeira Guerra Mundial; ou ao primeiro disparo do cruzador *Aurora*, em 7 de novembro de 1918, que assinalou a tomada pelos bolcheviques do Palácio de Inverno.

Ehrenberg escolheu uma noite de quarta-feira de outono, na década de 1980, quando certa Vivienne declarou durante um programa muito popular de entrevistas, pela televisão, na frente de milhões de telespectadores, que a maldita ejaculação precoce de seu marido, Michel, lhe impedira de ter um só orgasmo durante toda sua vida conjugal.

O que houve de tão revolucionário assim na declaração de Vivienne? Dois fatos: primeiro, tornar público um tipo de informação que até então era considerado a quintessência da ordem do privado, até mesmo seu epônimo; segundo, usar a arena *pública* para expressar e discutir um assunto de interesse eminentemente *privado*.

O que significa “privado”? Algo que pertence ao domínio da “privacidade”. Para o significado de “privacidade”, vamos recorrer à Wikipedia (o conhecido site da internet que reflete rapidamente, de maneira meticulosa e com frequência breve, tudo que a opinião média considera verdadeiro sobre um assunto; e zela pela atualização a cada dois dias, procurando assim perseguir e captar depressa os alvos mais notórios que passam a frente até dos mais dedicados caçadores). Na versão inglesa da Wikipedia de 8 de março de 2009, pode-se ler:

Privacidade é a capacidade de uma pessoa ou grupo de controlar a exposição e a disponibilidade de informações a seu respeito, e dessa forma revelar-se de maneira seletiva. Ela se relaciona às vezes com a capacidade de existir anonimamente na sociedade, com o desejo de não ser notado ou identificado na esfera pública. Quando algo pertence a uma pessoa de modo privado, isso em geral significa que há nela algo que se considera inerentemente especial ou pessoal. ... A privacidade pode ser entendida como um aspecto da segurança – pelo qual se torna clara, em geral, a equivalência entre os interesses de um grupo e os de outro grupo.

O que significa “arena pública”? Um espaço de acesso livre a todos os que quiserem entrar. Por

isso, tudo que se ouve e vê na “arena pública” pode ser ouvido e visto, em princípio, por *qualquer pessoa*. Aqueles que enunciam as palavras ou tornam visíveis seus movimentos assumem ou aceitam (aberta ou tacitamente, por vontade própria ou por falta de opção) o risco de serem vigiados e ouvidos. Admitem as consequências e renunciam a seus direitos de objetar ou reivindicar compensações. Levando em conta (como afirma a Wikipedia) que “o grau de exposição da informação privada depende de como o público receberá tal informação, o que varia segundo lugares e épocas”, o esforço para manter um assunto privado e a decisão de torná-lo público são objetivos antagônicos. As definições de “privacidade” e “publicidade” se *opõem*.

“Privado” e “público” são conceitos antagônicos. Em geral, seus campos semânticos não estão separados por limites que permitam tráfego de mão dupla, mas por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechadas com rigidez e pesadamente fortificadas de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trânsfugas, sobretudo desertores). Mesmo que não haja uma guerra declarada, que não se desencadeiem ou projetem ações, que o território fronteiriço não demonstre ser uma área de tiro, em regra, as fronteiras só toleram *o tráfego* em áreas selecionadas.

“Demarcar uma fronteira” significa que as probabilidades de transitar entre as linhas estabelecidas são manipuladas e diferenciadas (alguns tipos de tráfego são mais ou menos intensos) em relação ao que poderiam ser caso não existissem limites. A liberação total do tráfego acabaria com a própria ideia de fronteira. O controle e o direito de decidir quem e o que terá permissão de passar e quem e o que deve permanecer de um lado (quais itens de informação têm prerrogativa de permanecer privados e quais são autorizados a se revelar publicamente) – em geral tópicos fortemente contestados – constituem a razão para a delimitação de uma fronteira.

Durante a maior parte da era moderna, o ataque à fronteira, e, mais importante ainda, toda mudança arbitrária e revogação unilateral das regras vigentes no tráfego entre fronteiras, foi quase exclusivamente esperado e temido no lado “público”: há uma suspeita geral sobre a tendência endêmica das instituições públicas a bisbilhotar e ouvir atrás das portas; um inextinguível impulso para invadir e conquistar a esfera do privado a fim de colocá-lo sob sua administração, recobrando-o de uma densa rede de fortalezas, mecanismos de espionagem e escuta, e privando os indivíduos e grupos da proteção oferecida por um espaço privado intransponível; da mesma forma, sua segurança pessoal ou de grupo.

Suspeitava-se que as instituições públicas – de modo incoerente, mas não de todo infundado – erigiam barricadas para bloquear o acesso de muitas entidades privadas à ágora e outros sítios de comunicação, onde seria possível negociar a reformulação de problemas privados em questões públicas. Em outras palavras, uma conspiração para proibir que determinados tipos de problemas fossem obstruídos por qualquer pessoa que não as próprias vítimas.

É evidente que a experiência pavorosa do comunismo e do nazismo, os dois totalitarismos mais opressores e sangrentos do século XX, emprestou veracidade a essas desconfianças. Hoje, passado o momento de auge, as suspeitas ressurgiram; foram reanimadas pelas percepções ou premonições de instituições públicas que, de modo arbitrário, impõem novos limites legais a iniciativas que antes deviam permanecer na órbita do privado; ao mesmo tempo, expulsam e armazenam/escondem/fecham, para seu próprio uso não controlado (e em potencial danoso), quantidades cada vez maiores de informações incontestavelmente íntimas, particulares, discricionárias – tudo em flagrante transgressão aos usos há muito estabelecidos pelo conceito de democracia, ainda que não explicados e codificados.

Seja qual for a suposta agressividade e a violência previstas das instituições públicas lideradas



pelo Estado todo-poderoso, e não obstante a mudança da forma como se percebe o Estado, as advertências quanto à ameaça proveniente do lado oposto foram apenas esporádicas (se é que existiram e chegaram a ser ouvidas): a ameaça da iminente invasão e conquista da esfera pública pelo que era visto até então como da ordem exclusiva do privado. Mas poucas vezes essas advertências foram levadas a sério. A tarefa que inspirou boa parte de nossos ancestrais e as gerações mais velhas a vigiar e partir para o combate foi defender o domínio do privado em relação à intromissão indevida dos detentores do poder. As pessoas aceitavam de bom grado ou com relutância as instituições públicas como seus vigias noturnos e guarda-costas – não muito mais que isso. Sem dúvida jamais as admitiam na função suspeita de bisbilhoteiras a espionar através das cortinas os assuntos particulares dos outros.

Isso até recentemente, quer dizer...

*(Continua)*

## Estranhas aventuras da privacidade (2)

Peter Sellers, homem sério e talentoso, brilhante ator inglês que desempenhou dezenas de papéis diversificados e característicos em muitos filmes, confessou: “Se me pedissem para representar a mim mesmo, não saberia como fazer. Eu não sei quem ou o que sou.” E acrescentou, pensativo: “Antigamente havia uma máscara atrás de mim, mas mandei retirá-la cirurgicamente.” William Shakespeare, antecipando profética e intuitivamente a indagação de Sellers, foi mais longe e perguntou, nas palavras do rei Lear: “Quem pode me dizer quem sou eu?”

Excetuando o caso das “perguntas retóricas”, que tendem a antecipar a resposta e/ou supor que elas sejam conclusões prévias, o ato de perguntar em geral presume ou indica que o assunto é problemático. De fato, como cada um de nós aprendeu (ainda que de maneira menos trágica e dolorosa que o rei Lear), não cabe somente a mim dizer quem eu sou ou o que sou. Em meu desacordo e contínuo debate com os que me cercam sobre “quem ou o que sou”, ouvem-se muitas vozes, com frequência bastante dissonantes.

Nesse conflito, não é claro quem exerce a função de juiz e tem autoridade para decidir e impor uma resposta. Quanta liberdade de movimento os outros irão me oferecer a fim de pintar minha própria imagem para “consumo público”, digamos assim (uma imagem que considero à minha semelhança e conformada à minha opinião, ainda que com a relutância de outros)? Essa é uma questão que jamais será estabelecida para sempre. Qualquer tentativa de determinação dificilmente será a última. É bem possível que cada qual permaneça aberto a reavaliações e renegociações – de modo permanente.

Comentando o sigilo (e, por extensão, privacidade, individualidade, autonomia, autodefinição e autoafirmação, pela simples razão de que o direito ao sigilo é um atributo fundamental, indispensável, de todas essas coisas), Georg Simmel, considerado o mais arguto dos fundadores da sociologia, disse que uma possibilidade realista de mudança exige que outros reconheçam o direito a manter segredos. Simmel diz que o sigilo, embora parte integrante da privacidade, também é uma *relação social*: é necessário observar a norma de que “aquilo que é intencional ou não intencionalmente *escondido* deve ser intencional ou não intencionalmente *respeitado*” (grifos meus).

Contudo, a relação entre essas duas condições (de privacidade e de reconhecimento/tolerância/proteção social da autonomia do indivíduo) tende a ser instável e tensa. Por esse motivo, “a intenção de esconder ... é muito mais forte quando se choca com a intenção de revelar”. Se essa “maior intensidade” não se manifesta, se não há o desejo de defender com unhas e dentes um tema sigiloso contra os bisbilhoteiros, intrusos e importunos, ou não é respeitada, a privacidade corre perigo.

Por definição, uma coisa secreta faz parte do que somos e que nos recusamos a compartilhar com outras pessoas. O sigilo é uma proteção contra a divulgação não autorizada de informações, que estabelece, demarca e fortalece as fronteiras da privacidade; este é o espaço que quero preservar como domínio meu, o território de minha única e indivisível soberania, dentro do qual detenho o poder absoluto para definir “quem e o que sou”, o domínio a partir do qual posso desencadear a meu bel-prazer campanhas para que minhas decisões sejam reconhecidas e respeitadas.

Na carta anterior, escrevi, porém, que “defender o domínio do privado em relação à intromissão indevida dos detentores do poder” era a única tarefa que estimulava muitos de nossos ancestrais e as gerações mais velhas a pegar em armas – mas logo acrescentei: até muito recentemente...

Numa surpreendente inversão dos hábitos dos nossos ancestrais perdemos de certa forma boa parte da coragem, energia e vontade para persistir na defesa da “esfera do privado”. Nos nossos dias, não é tanto a possibilidade de traição ou violação da privacidade que nos assusta, mas seu oposto: fechar todas as saídas do mundo privado, fazer dele uma prisão, uma cela solitária ou uma masmorra do tipo em que antigamente desapareciam as pessoas que perdiam as boas graças do soberano, abandonadas no vácuo da despreocupação e do esquecimento públicos – o dono desse “espaço privado” é condenado a sofrer para sempre as consequências de suas ações.

A falta de ouvintes ansiosos para arrancar à força nossos segredos – ou rasgá-los e surripiá-los de dentro das muralhas da privacidade, para exibí-los publicamente como propriedade de todos, e incentivar as pessoas a desejar compartilhá-los – talvez seja o maior pesadelo para nossos contemporâneos. “Ser uma celebridade” (quer dizer, estar constantemente exposto aos olhos do público, sem ter necessidade nem direito ao sigilo privado) é hoje o modelo de sucesso mais difundido e mais popular.

É cada vez maior o número de semelhantes nossos que tendem a crer (embora não o digam com tantas palavras) que não há prazer algum em manter segredos – salvo aqueles preparados para serem exibidos com prazer na internet, na televisão, nas primeiras páginas dos jornais e nas capas das revistas populares. Dessa maneira, a esfera *pública* é que se encontra hoje inundada e sobrecarregada, invadida pelos exércitos da *privacidade*. Mas será que esses invasores correm para conquistar novos postos avançados e instalar novas sentinelas? Ou, ao contrário, estariam escapando do confinamento onde se sentem sufocados? Não estariam fugindo, em desespero e pânico, dos antigos abrigos não mais habitáveis? Seus ataques não seriam antes sintomas de um espírito de exploração e conquista recém-adquirido – ou testemunhas de expropriação, vitimização e ordens de expulsão? A tarefa que lhes foi ordenada – descobrir e/ou decidir “o que e quem eu sou” – não é hercúlea demais para ser enfrentada a sério nos confins do reduzido terreno da privacidade?

Essa tarefa (ao contrário do que Peter Sellers descobriu) pode ser realizada na cena pública, com meios recomendados e fornecidos publicamente, como tentativas de ensaio e erro de diferentes abordagens ou vestindo e despindo muitas roupagens diversas? Ou será o inverso: quanto mais zelosamente esses meios são usados, menos provável será a perspectiva de alcançar o resultado desejado – aquela certeza que estamos procurando e esperamos obter?

Essas são apenas algumas das perguntas que não têm respostas óbvias, simples, inquestionáveis, muito menos irrefutáveis. Todavia, existe outro conjunto de questões cruciais que também aguardam respostas convincentes, até agora em vão. O segredo, afinal, não é apenas uma ferramenta da privacidade, útil para recortar um espaço inteiramente nosso, um instrumento para nos isolar de companheiros intrusos, desagradáveis e por isso mesmo importunos; também é uma poderosa ferramenta de *união*, de construir o sentimento de integração, de criar os mais fortes *laços inter-*

*humanos* conhecidos e concebíveis.

Confidenciando nossos segredos a um pequeno grupo de pessoas selecionadas, “especiais”, tecemos redes de amizade na internet, indicamos e conservamos nossos “melhores amigos”, ao mesmo tempo que bloqueamos a todos os demais o acesso a essas intimidades; criamos e mantemos vínculos incondicionais e permanentes; como num passe de mágica, agregados frouxos de indivíduos são transformados em grupos integrados e fortemente unidos. Em suma, recortam-se enclaves do mundo dentro dos quais o complicado e doloroso conflito entre a adesão e a autonomia é afastado de uma vez por todas; nesses enclaves, as escolhas entre o interesse privado e o bem-estar dos outros, entre altruísmo e egoísmo, entre autoestima e cuidado com o outro param de atormentar e deixam de fomentar e atizar dores de consciência.

Contudo, como já observara Thomas Szasz em 1973 (*The Second Sin*), “o sexo é tradicionalmente uma atividade reservada, eminentemente privada. Nisso talvez resida sua poderosa capacidade de unir pessoas por laços muito fortes. À medida que fazemos do sexo uma atividade menos reservada, retiramos-lhe a força para manter homens e mulheres juntos”. Szasz estudou a atividade sexual com minúcia porque até há pouco tempo o sexo era o exemplo mais radical, o verdadeiro epítome, de um segredo íntimo que somente partilhamos com a máxima discrição e apenas com pessoas cuidadosa e laboriosamente escolhidas. Em outras palavras, era visto como o tipo mais confiável de vínculo humano, o mais forte e mais difícil de quebrar.

Mas o que se aplica ao que até pouco tempo atrás era o mais importante objeto e o mais eficiente guardião da privacidade aplica-se hoje, com mais força ainda, aos seus substitutos inferiores e suas cópias mais anêmicas. Parece-me que a crise atual da privacidade está bastante ligada ao enfraquecimento, à desintegração e à decadência de todas as relações inter-humanas. Nesse processo, uma tendência é o ovo, a outra a galinha, e, como em todos os casos similares, é perda de tempo discutir o que nasceu primeiro e o que veio depois...

*(Continua)*

## Estranhas aventuras da privacidade (3)

É comum louvar ou acusar as inovações tecnológicas por estarem na origem das revoluções culturais; na verdade, as inovações conseguem no máximo desencadeá-las, oferecendo o elo que faltava numa cadeia completa de elementos necessários para deslocar a transformação nos costumes e estilos de vida existentes, da esfera das possibilidades para a esfera da realidade; transformação que já estava pronta há tempos e lutava para acontecer. Uma dessas inovações tecnológicas é o telefone celular.

O advento do celular tornou possível a situação de alguém estar sempre à inteira disposição do outro; na verdade, trata-se de uma expectativa e de um postulado realista, uma demanda difícil de recusar, porque se supôs que sua satisfação, por fortes razões objetivas, era impossível. Pelas mesmas razões, a entrada da telefonia móvel na vida social eliminou, para todos os fins práticos, a linha divisória entre tempo público e tempo privado; entre espaço público e espaço privado; casa e local de trabalho; tempo de trabalho e tempo de lazer; “aqui” e “lá”. O proprietário de um telefone celular está sempre e em toda parte ao alcance dos outros, está sempre “aqui”, sempre ao alcance da mão.

A telefonia móvel no mínimo estraçalhou todas as linhas divisórias da capacidade de parar e deter, tornando fácil e plausível a eliminação ou violação dessas fronteiras – pelo menos do ponto de vista técnico. “Estar ausente” não é, não pode e não deve mais ser equivalente a “estar fora do alcance”. Claro que sempre se pode esquecer o celular em cima da mesa antes de sair, perdê-lo ou não achá-lo a tempo. Mas todas essas explicações para não atender ao chamado do telefone são agora vistas como sinais de negligência, insubordinação, indiferença condenável e ofensiva, afronta e outras falhas subjetivas, ou demonstrações de má vontade.

Os telefones celulares são o fundamento técnico da *suposição de constante acessibilidade e disponibilidade*. A suposição de que a condição humana em geral da modernidade líquida, a condição de “lobos solitários sempre em contato”, já foi viabilizada e se converteu em “norma”, tanto no segundo quanto no primeiro aspecto.

Aplicada de modo seletivo, “a disponibilidade constante” é amplamente usada hoje para organizar o espaço público: dividi-lo em áreas de “conectividade” e de “não conectividade”. Agora todo mundo *pode* estar sempre à disposição para qualquer contato telefônico, mas ainda é preciso *se tornar disponível* – e fazemos isso somente para um *grupo selecionado* de pessoas. Tornar-se disponível é uma ferramenta da construção de redes: de unificação e separação, de “entrar em contato” e “ficar fora de contato”. Integrar-se à rede pela troca de números telefônicos presume uma promessa recíproca de que alguém “sempre estará lá para você”, uma obrigação de sempre recorrer a essa presença interessada e pronta a atender (embora, como acontece em todos os padrões e

estratagemas de reciprocidade, este também possa se opor, e com frequência o faz, a suposições explícitas, exploradas de modo unilateral, para desapontamento e irritação do parceiro suposto ou presumido).

Os telefones móveis são peças básicas da construção de pequenos postos avançados públicos, espaços em que é possível disputar e fazer experiências com uma miniversão do status de celebridade, ser conhecido e visto numa área realmente “pública”.

Os números de telefones celulares (isto é, o endereço do “aqui” mediado pelo aparelho móvel, onde a pessoa pode ser sempre encontrada, está pronta a responder e a interagir) não constam de listas telefônicas, portanto, não são acessíveis a qualquer pessoa. Dar o número do celular é conceder ou solicitar esse privilégio: é um ato de aceitação e ao mesmo tempo de consentimento, e/ou um pedido para ser aceito. Atualmente, essa prática modela nossa imagem da “rede” – o sentimento de “estar junto” que substituiu o conceito de “grupo” e sobretudo o de “comunidade de pertença”. Tornou-se, na prática, o arquétipo da versão atual da eterna questão do público *versus* privado.

Entre as imagens das formas de união que a prática da telefonia celular substituiu ou eliminou, o conceito de “rede” sobressai principalmente por sua flexibilidade e pela ilusória adaptabilidade ao rígido manejo e monitoramento, bem como pelo rápido e indolor ajuste e pela reformulação. Caracteriza-se ainda pela portabilidade: ao contrário de outros grupos de pessoas, as “redes” registradas nos aparelhos de seus donos os acompanham a todo momento, como a concha de um caracol, onde quer que eles vão ou parem. As redes lhes dão a ilusão de que “estão no controle” de modo permanente e contínuo.

Uma rede de comunicação, ainda que em forma miniaturizada, possui todos os elementos que marcam um espaço público; porém, seu tamanho e conteúdo são construídos de acordo com as preferências e predileções do proprietário individual, são fáceis de “limpar”, bastando para isso pressionar o botão de “deletar”, apagando assim as partes que não correspondem mais aos interesses ou expectativas do dono. Por isso, dão a impressão de ser docilmente submissas e responsivas às mudanças de humor e de desejos do proprietário. A fragilidade das conexões, a existência de meios instantâneos de desconexão, enfim, a combinação de facilidades para “conectar-se” com a possibilidade de interromper de modo indolor e igualmente instantâneo a situação de “estar conectado” no momento em que nos parecer inconveniente – tudo isso parece se adaptar de modo especial à dialética das relações tortuosas entre o público e o privado.

José Saramago escreveu sobre isso, em seu inimitável estilo agudo e ferino, em *O homem duplicado*:

O que de todo não compreende ... é que, ao se desenvolverem as tecnologias de comunicação em autêntica progressão geométrica, de melhoria em melhoria, a outra comunicação, aquela propriamente dita, a verdadeira, de mim para ti, de nós para eles, continue a ser essa confusão cruzada de becos sem saída, tão decepcionante com suas avenidas ilusórias, tão dissimulada no que expressa quanto no que dissimula.

A “perplexidade diante dos autênticos labirintos cretenses que são as relações humanas”, conclui e sugere Saramago, é “incurável”. A perplexidade veio para ficar, mesmo que as tecnologias da comunicação continuem a se desenvolver em progressão geométrica ou exponencial.

A essas observações de Saramago acrescento que, na realidade, a perplexidade tende a

aumentar. Afinal, a maior conquista das tecnologias de comunicação não foi simplificar a prática complexa da coabitação humana, mas comprimi-la numa cômoda camada fina e rasa – ao contrário do original, abrigado em múltiplas camadas grossas e densas –, graças à sua capacidade de ser manejada sem esforço e sem problemas. O efeito colateral da eliminação da “comunicação propriamente dita, a verdadeira” (como Saramago preferiu chamar a versão original, não comprimida) da pauta de tarefas urgentes, aquelas que não se deve deixar de lado, é outra das habilidades – que definham, esmaecem e desaparecem – que a “comunicação verdadeira” exige.

O resultado final de tudo isso é que os desafios da comunicação “de mim para ti, de nós para eles” parecem ainda mais desencorajadores e confusos; e a arte de lidar com eles parece ainda mais nebulosa e difícil de dominar do que na fase anterior, antes que começasse essa “grande revolução na conectividade humana” (como foram batizadas a invenção e as trincheiras dos telefones celulares).